

R11

OPINIÃO

Nosso futuro é róseo?



MARCELO PIMENTEL

Advogado, foi ministro do Trabalho e presidente do TST

mpimenteladv@globo.com

A política econômica atual, embora tímida mas coerente e defendida com unhas e dentes pela dupla Palocci-Meireles, afinal produziu resultados. Vamos ter crescimento este ano, talvez pouco acima de 5%, um bom começo de programa de recuperação. Mas não capaz de nos fazer abrir largo sorriso, em face das arestas que restam no programa administrativo de Lula, que, em outros setores, não ofereceu qualquer resultado entusiástico. Aliás, é preocupante que o presidente, que não conseguiu ordenar seu governo para realizar ou tentar realizar providências administrativas básicas — modernizar a infraestrutura do país (portos, rodovias, ferrovias, etc.), melhorar a educação, a saúde, implementar programas sociais (quase fracasso em tudo que foi começado), adotar política industrial agressiva, etc., continue lançando programas, como o recente sobre microcrédito. Isso demonstra apenas que ele continua tendo a visão da necessidade, que não se casa com a realidade econômica — poder fazer —, porque o dinheiro é pouco para tanta coisa.

Curioso, porém, é que o sr. FHC, que ficou oito anos lá em cima, venha acusar o atual governo de incompetente e de não ter feito nada. Na realidade, na política econômica, o presidente Lula dá de dez a zero no professor que levou ao incomensurável as dívidas interna e externa, cavou buraco nas estradas mais que tatu, parou o país por oito anos e arruinou o patrimônio nacional com a sua nefasta política de privatizações. Afinal, de que ri o dito, olhando para trás? Talvez só do seu êxito pessoal, merecido aliás, no campo acadêmico internacional.

O tal espetáculo de crescimento lustro da campanha eleitoral continua mero sonho de verão. Mas não se pode deixar de creditar ao atual governo o vitorioso esforço essencial e construtivo de equilibrar a política econômica. Surpreende, porém, que a ela se contrapõe esse programa de máximas e mínimas, que é a linha adotada pelo Copom. Depois de baixar os juros, sucessivamente, passou a reajustá-los, e todos já adivinharam que haverá um aumento de 0,5% neste fim de ano. O governo, pois, desacredita a própria política, fazendo com que o investidor fique de orelha em pé com o que possa acontecer. Ademais, mostra-se esfuzante com os saldos mensais, mas esquece de dizer que cada 0,25% de juros representa R\$5 bilhões de acréscimo nas dívidas, o que anula qualquer saldo orçamentário realizado. Ou seja uma mão suja a outra.

Quem conhece um pouco de lógica, ao transportá-la para a lógica cai-pira, há de se lembrar de que não adianta planejar se não tem como



realizar. Esses sonhos do Lula correspondem na prática apenas a mais conselhos, assessores, passagens aéreas, jetons, etc., que, agora como antes, nada produziram e não vão produzir por desnecessários, como desnecessárias são as duas dezenas de seu custoso ministério.

É preciso realizar o possível e não ampliar a imaginação. Por sinal, na situação do mundo atual, será que alguém pode, a distância, fazer previsões sobre o que acontecerá amanhã? A supervalorização do Euro, o isolamento gradativo dos Estados Unidos, a tendência nova de formação de blocos econômicos europeu e asiático, isso tudo não deixa insinuado que a economia mundial caminha para problemas? A indústria nacional, impulsionada pelo êxito parcial das exportações, vem se fortalecendo, adquirindo máquinas e equipamentos, mas sem projetar grandes aumentos de produção, temente de que fuja o consumidor, cada vez mais pressionado pela política tributária. Prudência, prudência parece ser uma receita forte para as incertezas que se prenunciam. Ainda mais quando sofremos com a espantosa corrupção que os jornais anunciam a cada momento, enquanto os nobres parlamentares discutem ambiguidades, como se estivessem em um outro país, e não neste, onde até óleo se joga nas estradas para provocar desastres e permitir o roubo das cargas, conforme se viu na televisão.

O Brasil está afogado em corrupção, sob o império da insegurança em vários locais, e os responsáveis pelas leis continuam divagando no etéreo, como se vivêssemos em mar de rosas. Enquanto isso, com o país temerariamente sendo conduzido pela legislação obsoleta, pela corrupção institucionalizada, pela ausência de senso crítico, vamos continuar discutindo, em regime prioritário, se fulano deve ser tratado como ministro, se o PMDB deve ter oportunidade de refestelar-se em mais uma cadeira ministerial, se o derrotado A ou B, expurgado nas urnas, deve virar pensionista de uma sicureza diplomática.

Onde ficam a seriedade política, o senso de responsabilidade, a visão do futuro? Só de boas intenções não vive a administração, ainda mais quando se vê que o horizonte internacional vai se turvando de problemas, que podem, proximamente, agravar nossa situação. Estamos atrelados a esse Mercosul, associação de falidos e perdendo outras oportunidades; estamos pretendendo sentar no Conselho de Segurança da ONU (parece que é a coisa mais importante do mundo), quando nem sequer se sabe se a ONU amanhã continuará existindo, pela sua ineficiência e inexpressividade. Vamos agora recolher uma cota de R\$ 300 milhões. Dinheiro jogado fora.

Mandamos nossos soldados para o Haiti para tentar resolver seus problemas, quando estamos lotados de haitianos, o principal deles nas vias vermelha e amarela do Rio de Janeiro. Enfim, repiquem os sinos, batam os bumbos, acordem os cidadãos. O futuro parece não ser muito róseo!